

NOTAS SOBRE A ATUAÇÃO DE PAULO FRANCIS NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO (1975-1990)¹

Alexandre Blankl BATISTA²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

O jornalista Paulo Francis é conhecido como referência do polemismo na imprensa brasileira. Como ex-intelectual de esquerda, sua guinada ideológica ao liberalismo coincide com seu exílio voluntário nos Estados Unidos e sua entrada para o Jornal Folha de São Paulo (FSP). Por meio de suas colunas nesse jornal, é possível verificar o discurso gradual de sua conversão ao liberalismo. A comunicação objetiva, por meio do estudo de suas colunas na FSP, problematizar como o jornalista articula a racionalização de seu ideal liberal ao mesmo tempo em que analisa a política mundial e brasileira no contexto do final da Guerra Fria.

Palavras-chave: Paulo Francis; Folha de São Paulo; Imprensa e História.

¹Alguns fragmentos deste texto foram retomados da comunicação apresentada durante o encontro da ANPUH Nacional de 2011, cujos anais se encontram em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300936846_ARQUIVO_Alexandre-Batista-ANPUH2011-Completo.pdf

²Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Email: blankl.batista@gmail.com

O polemista Franz Paul Trannin da Matta Heilborn, popular Paulo Francis, foi um dos mais destacados jornalistas brasileiros. Durante seu percurso profissional, atuou como crítico teatral em jornais e revistas do centro do país (Rio de Janeiro e São Paulo). Somente na década de 1960 iniciou sua trajetória como polemista político. Teve destacada passagem pelo jornal Última Hora, dirigido por Samuel Wainer, e é muito lembrada a sua atuação no conhecido semanário O Pasquim, periódico que marcou época por sua postura audaciosa frente ao período de ditadura civil-militar da época. Após ser preso algumas vezes junto com a turma do Pasquim, decide morar nos Estados Unidos, onde seguia colaborando para o semanário. Em 1975 torna-se correspondente da Folha de São Paulo, tendo contrato exclusivo com este jornal e mantendo-se colaborador até o final da década de 1980. Durante a década de 1990 era um dos mais bem sucedidos profissionais da imprensa nacional. Nessa época, até 1997, quando faleceu, escrevia para O Estado de São Paulo (OESP) e O Globo. Além disso, ficou famoso ao aparecer em ligeiras inserções nos telejornais da Rede Globo de Televisão, desde 1981.

O trabalho de pesquisa, que está sendo elaborado do PPG de História da UFRGS, tem entre outras preocupações o objetivo de investigar a atuação de Francis no Jornal FSP, com o intuito de perceber nas entrelinhas do discurso do jornalista as nuances de seu liberalismo político, como o mesmo foi moldado em paralelo às suas análises da política estadunidense, quais eram as ideias que defendia e como defendia. Junto a isso, liga-se a problemática de sua virada ideológica. Francis se dizia trotskista até meados da década de 1960. Depois do golpe de 1964, passou a ter dificuldades em conseguir estabelecer-se nas redações de jornais e revistas brasileiras.

Nesta comunicação, nos interessa o período em que escrevia para a FSP. É neste ínterim, entre 1975 e 1989 que observamos, gradativamente, as mudanças das posições políticas do polemista. Daremos ênfase ao período final de sua atuação na Folha, sublinhando aspectos de sua linguagem e de seu discurso alinhado ao jornal. Embora fosse um profissional muito reconhecido já na época de atuação na Última Hora, nossa hipótese de trabalho é de que Paulo Francis ocupou um espaço privilegiado na imprensa nacional por se vincular organicamente aos interesses transnacionais capitalistas, especialmente ao setor financeiro e aos setores de imprensa que funcionam como Aparelhos Privados de Hegemonia destes mesmos interesses financeiros.

O método Paulo Francis: Evidências biográficas

Franz Paul Heilborn tinha um estilo de escrita bastante agressivo e irônico. Os leitores mais jovens talvez recordem de seus ataques à esquerda socialista, ao Partido dos Trabalhadores, às estatais e a uma série de polémicas envolvendo certa dose de preconceitos de toda ordem, desde sua implicância com o povo nordestino, até seu desdém, cada vez mais pungente, com variados elementos da cultura nacional, presentes, por exemplo, na música e no cinema. Esses temas foram bastante ventilados durante seus últimos anos escrevendo para a FSP e durante sua atuação em O Estado de São Paulo.

Embora este Paulo Francis fosse admirador e muito identificado com a cultura estadunidense, até se exilar nos EUA, não tinha aparentemente laços com o modo de vida norte-americano.

Afinal, era brasileiro e morou a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro. Nasceu nessa cidade, em dois de setembro de 1930. Fizera o ginásio e o colegial em escolas cariocas. Não chegou a completar o curso universitário de filosofia, no qual entrara em 1950. Com vinte e um anos fez sua primeira viagem internacional a Paris. De 1951 até 1954, o jovem Franz frequentava determinados círculos que o conduziram às artes dramáticas, como o Teatro do Estudante e uma temporada em Nova Iorque, ocasião em que estudou com Eric Bentley.

Essas experiências com o teatro acabaram direcionando sua carreira profissional como crítico teatral, momento em que iniciou suas incursões como jornalista e escritor. Como referido anteriormente, a dedicação aos temas políticos somente veio com a atuação no jornal Última Hora. Em 1963, época de seu início como jornalista cobrindo a política nacional, Francis já tinha fama de crítico ácido nos tempos de análise teatral. A nova experiência deu continuidade à linguagem ácida, com ataques certos. Embora a linha do jornal fosse de apoio ao governo João Goulart, e Francis fosse um trotskista desconfiado do populismo herdado de Getúlio Vargas, preferia tal conduta a ver o país ser controlado pela UDN e outras forças reacionárias. No jornal, atacava Carlos Lacerda, criticava os Estados Unidos por seu imperialismo, proferia insultos aos latifundiários e organizações de cunho empresarial, como o IBAD. Ademais, elogiava muito Brizola e Miguel Arraes, cobrando atitudes semelhantes de Jango a desses líderes políticos.

Entretanto, durou pouco tempo a sua aventura no Última Hora. Após o Golpe Civil-Militar de 1964, a maioria das redações restringiu o seu ímpeto crítico, movido à ironia e linguagem ácida. Francis só voltaria às redações em 1967, editando o Quarto Caderno do Correio da Manhã, mas já sem a mesma verbe agressiva de antes e sem assinar as colunas. Um ano depois veio a primeira prisão, seguida de outras três até 1970 (ao todo somou dois meses de detenção). É importante mencionar neste meio tempo a criação de O Pasquim, semanário em que Francis foi um dos co-fundadores. Com exceção da primeira, as demais detenções foram o reflexo de sua colaboração àquele semanário, “honraria” dividida com seus colegas de redação, frequentemente “convidados” a dar depoimentos nas delegacias e conduzidos à prisão.

Foi logo depois desta época que conseguiu estabelecer-se em Nova Iorque, por meio de uma bolsa concedida pela Fundação Ford. Até o momento, não temos maiores informações sobre a contra-partida desta bolsa. Contudo, é um dado interessante, visto que a Fundação Ford, junto com outras instituições estadunidenses, naquela época, auxiliava na edificação das políticas econômicas e culturais, apregoadas por iniciativa dos EUA, para a América Latina. Pelo menos, sabemos que a própria condição de aceitar tal incentivo, indique um arrefecimento da aversão de Francis quanto às instituições de cunho estadunidense.

No final de 1975, ao ser contratado pela FSP, já tinha um pequeno histórico de esparsas colaborações a esse jornal. No que tange nossa pesquisa, de uma forma mais ampla do que nesta curta comunicação, este marco é importante, pois é por volta dessa época que temos um leque mais conciso de textos para averiguar a problemática de sua “virada ideológica”.

Há que se considerar o fato de que Paulo Francis não é um caso isolado no manancial de “ex-intelectuais de esquerda” que, de alguma forma, entre as décadas de 1960 até 1990, deram uma guinada à “centro-direita” e à “direita liberal” .

YA grande imprensa: Folha de São Paulo

A coluna de Paulo Francis, designada O Diário da Corte, foi originalmente criada no jornal Folha de São Paulo. A corte analisada por Francis dizia respeito aos EUA e sua política interna e externa. No entanto, não era apenas a política estadunidense o objeto dos textos de Francis. Não raras vezes o jornalista cobria eventos na Europa, viajando a outros países. Mas, predominantemente, seu assunto era a política dos EUA. Nos Diários da Corte, porém, não faltavam referências ao Brasil e à comparação entre nossos costumes, cultura, política e sociedade, aos seus congêneres no norte da América.

É importante destacar como as ideias de Francis, seus posicionamentos subjetivos em termos de política e modelos de preferência econômica, foram acompanhando, em maior ou menor grau, os editoriais da FSP. Uma interpretação, por exemplo, que chama a atenção pela unissidade de sua formulação é referente a como se deu o golpe de 1964 e como se deve interpretar a ditadura que vigorou entre 1964 a 1985 no Brasil .

A FSP tem se configurado como uma defensora da visão de que teríamos tido uma Ditadura pouco repressiva, que teve méritos em áreas estratégicas da economia, bem como diferindo linhas de militares com perfis opostos durante o regime, emitindo juízos elogiosos a personagens como Castello Branco e Ernesto Geisel . Paulo Francis seguiu raciocínio semelhante, indo ao encontro, posteriormente, às de outro jornalista também ligado à FSP, Elio Gaspari, que publicou recentemente juízos semelhantes em seus livros acerca do período e do tema.

A recepção do neoliberalismo é, sem dúvida, uma evidência interessante da confluência entre grande parte dos jornalistas e dos grandes jornais no Brasil. O autor Francisco Fonseca estudou os jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo e Jornal do Brasil, defendendo a tese de que a grande imprensa brasileira teria colaborado para a introdução da “Agenda Ultraliberal” no país (FONSECA, 2005).

De meados dos anos 1980 até início dos anos 1990, Fonseca apresenta, através dos editoriais daqueles jornais, diversos elementos que permitem observar como a grande imprensa defendia a abertura da economia, a desregulamentação de mercados e as privatizações. Segundo ele, tais ideias foram “divulgadas e vulgarizadas” pelos jornais, mostrando de maneira simplificada, e até distorcida, processos extremamente complexos a respeito do funcionamento das economias de livre mercado.

Verificando, naquela época, o histórico das opiniões dos jornais FSP e OESP, Fonseca nota que, para além dos editoriais, as coberturas feitas pelos diversos colunistas corroboravam com a postura dos jornais . O posicionamento de Francis em relação à adoção das privatizações e liberalização da economia entre os anos 1985 e 1990 eram marcantes. O colunista tornou-se um dos principais vulgarizadores das noções de “privatização” e “abertura da economia ao capital estrangeiro”. Falava com autoridade, de quem vivia há tempos num país que

teria se beneficiado por essas práticas, além de inúmeras vezes repetir que pensava diferente antes, mas se convenceria dos benefícios do liberalismo econômico vivendo em solo estadunidense.

Outros eventos importantes de comparação entre as ideias de Francis e os editoriais do jornal dizem respeito ao juízo emitido em relação ao socialismo, especialmente na época da derrocada da URSS e da queda do muro de Berlim, e às eleições presidenciais de 1989. Todos esses eventos foram acompanhados de perto pela Folha e, particularmente, por Paulo Francis. Os trechos a seguir exemplificam a perspectiva sobre o estilo de escrita, que faz uso da agressividade e da ironia, do qual comentamos anteriormente. Ao lado desses aspectos, a observância do (pouco) grau de profundidade da análise de Francis, e em especial de sua leitura do processo eleitoral brasileiro, da concepção de um “tipo ideal” em que nossa política deveria espelhar-se e ser concebida, além de verificar seu olhar sobre os processos históricos paralelos que trancorriam naquele momento em âmbito internacional.

Boa parte dos editoriais e das colunas da FSP enfatizavam, em 1989, o “fim inevitável do socialismo” e a ruína de um regime calcado em uma doutrina ultrapassada. Somado a isso, tal discurso aliava-se a uma antipatia pelo candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, nas eleições daquele ano. O estudo dos editoriais, neste sentido, é bastante elucidador, pois mostra a posição do jornal diante dos acontecidos, e não a opinião de um ou outro colunista. No caso de Paulo Francis, suas opiniões diferiam dos editoriais mais pela forma do que propriamente pelo conteúdo .

Para ilustrar este quadro, pode-se notar em uma coluna do dia 9 de novembro de 1989, no contexto da fase final do primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras e do processo de “queda do muro de Berlim”, como Paulo Francis resume um pouco de suas impressões daquele momento:

Muita gente me pergunta em quem votar. Em que votar seria a pergunta correta. Em quem tiver coragem de macho para privatizar e eliminar as estatais e liberar as forças da produção. (...) Por que o comunismo está acabando? Porque levou a extremos o estatismo brasileiro. Tomou conta da produção. Isso já não funciona. Comprovado. Há sempre “mordomias” do governo e negligências e desinteresse pelo que o consumidor quer. E resolveu estatizar também a vida pessoal das pessoas. Não se dá um passo sem consentimento da polícia. Não se pode fazer isso e aquilo. Não se pode ler o que o governo não quer. Ninguém aguenta. Foge quem pode. Já estive lá duas vezes e o ambiente não podia ser mais baixo-astral (FSP, Ilustrada, 9/11/1989).

Os editoriais do jornal naquela semana narravam os acontecimentos internacionais enfatizando tanto a crise soviética quanto a da Alemanha Oriental. Os jornalistas que faziam a cobertura internacional mencionavam que “o fim estava próximo”. Ao verificar este excerto de Francis, notamos que o autor convergia com esse discurso, mas a utilização da ironia dá um tom diferenciado à sua análise. A começar pela questão da eleição presidencial, a qual relaciona com a necessidade de privatização das estatais. Subentende-se que há “covardia”, por parte do governo de então, por não tomar a iniciativa da privatização. Da mesma maneira, correlaciona esses aspectos, necessidade de privatização e as eleições brasileiras, com o colapso do regime político da Alemanha Oriental. Não seria necessário dizer que o problema que envolveu o colapso e queda do comunismo no leste europeu é muito mais complexo de analisar do que simplesmente atribuir as razões deste ocaso à impossibilidade de gerenciamento do Estado.

Porém, a relação feita por Francis, e em época de eleição, limita as possibilidades de escolha de um candidato a um leque mais restrito de opções. Além do que, fica clara a posição por uma ideia, um projeto de sociedade, e menos por um candidato. Pelo menos, esta é a postura de Francis no primeiro turno das eleições presidenciais de 1989, quando o quadro dos postulantes a ir ao segundo turno ainda era incerto. Diante disso, havia apenas uma certeza: o “antilulismo”. Isso ele deixava claro em todas as suas colunas durante a campanha presidencial. Nesta mesma coluna, do dia 9 de novembro, observava o seguinte a respeito do candidato à presidência pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Luiz Inácio Lula da Silva:

Já um bestalhão como Lula é capaz de acreditar que o Brasil – expropriados os ricos – poderia ser um país em que cada um tivesse o suficiente para viver. A burrice brota em cada calçada entre os paralelepípedos. É espontânea. “Vem aí”. Como Sílvio Santos (FSP, Ilustrada, Idem).

Aqui aparece a caracterização agressiva dos textos de Francis, agregada à ironia sempre presente (o adjetivo “bestalhão” pertence a ambas), sem contar a “deixa” nas entrelinhas sobre a breve candidatura Sílvio Santos, uma alegoria. Própria da burrice estampada nas ruas? Ou a burrice envolve tanto Lula, como Sílvio Santos, quanto as pessoas que votariam neles? Tanto faz. A precisão nas ideias não importa tanto. As ideias podem ser até contraditórias, desde que sirvam para algum propósito. Apesar da aparente obviedade, esses elementos devem ser apontados e significados dentro dos objetivos textuais do autor, nos quais estaria, evidentemente, a finalidade de desqualificar a figura e as supostas intenções de Lula, sem que, no entanto, se entrasse no mérito de um debate aprofundado sobre as mesmas.

Mesmo a constituição das explicações em torno dos pretensos benefícios do livre mercado e do incentivo às privatizações, o raciocínio fica baseado em uma justificativa sumária, rasa de conteúdo e de maiores esclarecimentos sobre o que se ganha e o que se perde com tais prerrogativas. Em relação ao texto de Francis, devido à extrema acidez e aos componentes irônicos, o conteúdo parece ficar à margem desses outros elementos, os quais parecem “adornar” o seu argumento, tornando-o mais vistoso na aparência. Mas, na mesma direção, e conforme as análises de Fonseca, o Jornal, como um todo, banalizava e homogeneizava o conteúdo político que publicava. Neste sentido, é interessante notar a observação feita por um leitor da Folha, publicado no espaço Painel do Leitor, em 17/11/1989, intitulado “Socialismo Mesmice”:

“O Socialismo acabou. Os países socialistas tentam juntar seus escombros”. Esta é a tônica de artigo publicado (27/10) pela Folha e assinado por José Arbex. Se não fosse assinado, poderíamos creditá-lo a qualquer profissional desse jornal ou de outro veículo de comunicação burguês, já que a mesmice tomou conta da mídia do país. Joaquim Santos Turim - São Paulo, SP (FSP/ Painel do Leitor, 17/11/1989).

Tal notícia certamente não ecoou uníssona apenas na Folha de São Paulo, porém o incômodo do leitor, certamente, reflete aquele mesmo incômodo que temos ao folhear mais de um veículo dos diferentes/iguais da grande imprensa.

Lembrando que a quase totalidade das notícias internacionais (e mesmo as nacionais) até hoje nos chegam por meio de agências de notícias. Cabe salientar que a manchete intitulada “O Socialismo Acabou” sentencia o fato, ou deixa nas entrelinhas, a constatação de não haver mais possibilidade de construção de qualquer projeto socialista.

Neste ponto, é interessante de se questionar como Paulo Francis realizava o seu papel de corresponde internacional, se trazia notícias que fugissem das grandes agências internacionais, ou as reproduzia. Ao que parece, embora possa ter se constituído em um baluarte para a imprensa conservadora brasileira, em uma análise superficial, Francis “inovou” mais na linguagem e iniciativa agressiva, do que propriamente em um conteúdo novo, ou contribuisse, de alguma forma, para a adaptação daquelas ideias que defendia ao caso brasileiro.

A respeito da conjuntura relacionada à “queda do muro” e ao receio da eleição de Lula, Francis continuava a relacionar o primeiro assunto com o segundo em tom jocoso e agressivo sempre que tinha oportunidade. Importante acrescentar também as previsões econômicas que fazia, calcadas no fator de risco baseado na potencial “fuga de capitais”, posição semelhante às adotadas nas colunas especializadas em economia da FSP e mesmo em alguns de seus editoriais:

Com Lula o dinheiro todo brasileiro já foi ou vai embora. Só quem não puder tirar é que deixará qualquer coisa aí. E as estatais vão falir e a hiperinflação vem. (...) Lula nos coloca “au niveau” de Cuba e Nicarágua. É uma besta quadrada. Não sabe de nada do que está falando. Vai usar o dinheiro dos juros da dívida – que não pagamos – para aumentar o salário mínimo dos trabalhadores. Não dá. Alguém deve saber as quatro operações entre os petelhos (FSP, Ilustrada, 23/11/1989).

A preocupação com a fuga de capitais é uma justificativa comum daqueles que defendem o aumento dos juros para implantar metas inflacionárias e “medidas impopulares” para regular a economia. Certamente não foi coincidência que essa mentalidade estivesse em consonância com o Consenso de Washington e com as metas econômicas do FMI, especialmente para os países da América Latina. A receita não foi amplamente discutida e debatida, mas assimilada aos poucos, tendo a grande imprensa um papel de destaque dentro desta prerrogativa. Balizada pela recepção dos textos por parte dos leitores, o medo do lulismo era racionalizado por toda a conjuntura daquele momento e aliado ao fator econômico. O seguinte excerto, escrito por um leitor da Folha, resume bem a mensagem insistentemente construída durante aquele ano, especialmente nos meses de outubro e novembro:

Temos uma boa nova: caiu o Muro de Berlim, que separava as duas Alemanhas, uma democrata e outra comunista. No Brasil, não podemos aceitar que partidos da esquerda queiram impingir ao nosso povo doutrinas já ultrapassadas no tempo. Elementos desses grupos de esquerda procurarão expulsar do país os capitais estrangeiros que necessitamos para o desenvolvimento. Carlos A. Pereira de Oliveira - Curitiba, PR (FSP/ Painel do Leitor, 22/11/1989).

Entendemos que opiniões como a deste leitor podem se enquadrar dentro daquilo que Francisco Fonseca entende como “Consenso Forjado”, ou seja, o processo de criação do consenso em sua fase final, relacionando os eventos e dando a racionalidade antes forjada nos aparelhos privados de hegemonia. Nos editoriais da FSP não encontramos este tipo de síntese. Isso cabe aos colunistas, como Paulo Francis, ou mesmo mesmo aos leitores, os quais sem dificuldade expressam com mais clareza o simulacro que têm acesso através do conjunto do jornal. Não é nosso objetivo aqui realizar um trabalho de recepção, mas é evidente que o leitor “fala a mesma língua” e interage com o conteúdo que tem acesso, mesmo apropriando-se muitas vezes de maneira distinta àquela da matéria (ou matérias) que teve acesso, o leque de apropriações possíveis é sempre limitado. Isso é algo bastante palpável no acompanhamento do dia-a-dia das matérias, editoriais, colunas e cartas dos leitores publicadas.

Não é difícil entender quem ou o que são os alvos a serem atingidos: qualquer projeto de socialismo ainda existente e projetos que vão de encontro à agenda neoliberal, já em voga e assimilada na grande imprensa, como o investimento e manutenção das estatais, por exemplo. Quanto a Paulo Francis, há de se destacar que seu palavreado recheado de insultos e estilo cômico chamava a atenção para a leitura de suas colunas. Segundo Bernardo Kucinski, nos anos de 1980 Francis teria tornado-se o colunista mais lido da FSP essencialmente por caluniar em seus textos inúmeras personalidades respeitáveis, o que provocava surpresa e espanto diante de sua suposta ousadia. O mesmo autor questiona o seguinte:

“Além do sucesso de público, o que mais explica que textos de baixo nível estilístico e ético tenham sido aquinhoados com espaços tão grandes em jornais respeitáveis, como FSP (1976-1990) e OESP (1990-1997)?” (KUCINSKI, 1998: 86).

Kucinski formula a hipótese de que em períodos de crise há sempre modos de agir utilitários dentro do jornalismo que são estimulados pelos proprietários dos meios de comunicação. É uma tese bastante plausível. Paulo Francis teria sido um intelectual bastante útil dentro do quadro que se apresentava em 1989 e nos anos seguintes, com uma real possibilidade de que a agenda política dominante não se concretizasse. Ora, embora não formulasse postulados políticos respeitáveis e acadêmicos sob o ponto de vista de um analista social mais rigoroso e atento, Francis apontava os caminhos e “traduzia” em uma linguagem mais do que acessível o que seria válido e o que não seria em termos de política e economia nacional e internacional.

Considerações Finais

A importância de estudar um intelectual como Paulo Francis vai além de sua contribuição para o entendimento da chamada Agenda Neoliberal no Brasil. É notório como o jornalista influenciou a maneira de polemizar os temas políticos brasileiros, caros à grande imprensa e, particularmente, aos grandes veículos de comunicação do país. A problemática de sua “virada ideológica” pode ser igualmente comparada com a de outros intelectuais brasileiros, jornalistas ou não, que saíram do país, sob exílio forçado ou voluntário, e pode enriquecer o entendimento destes deslocamentos ideológicos, vinculados ao deslumbramento com os países ricos, muitas vezes servindo de “palcos” para esses exílios, à desilusão com o socialismo e com a luta desigual frente à Ditadura Civil-Militar brasileira. De qualquer forma, nosso estudo, de modo mais amplo, até o final da pesquisa de doutorado, pretende dar conta destes dois motes, a saber, as razões que envolveram a guinada de Paulo Francis ao liberalismo e a associação entre as suas ideias e as da grande imprensa, materializadas no jornal FSP.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, José Luiz. O Pasquim e os Anos 70: mais pra epa que pra oba... Brasília, DF: Editora da UNB, 1991.
- CARO FRANCIS, Brasil, 2010, duração de 95 min. Direção de Nelson Hoineff (Documentário).
- FONSECA, Francisco. O Consenso Forjado: A Grande Imprensa e a Formação da Agenda Ultraliberal no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2005.
- FRANCIS, Paulo. Trinta Anos Esta Noite: 1964, o que vi e vivi. São Paulo: Francis, 2004 (1ª ed. de 1994).
- _____. Diários da Corte, Ilustrada, Folha de São Paulo, 9/11/1989.
- _____. Diários da Corte, Ilustrada, Folha de São Paulo, 23/11/1989.
- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Volume 2 – Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- KUCINSKI, Bernardo. A Síndrome da antena parabólica: Ética no jornalismo brasileiro. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 1998.
- _____. Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1991.
- NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). A Nova Pedagogia da Hegemonia. São Paulo: Xamã, 2005.
- NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). Direita para o Social e Esquerda para o Capital: Intelectuais da Nova Pedagogia da Hegemonia no Brasil. São Paulo: Xamã, 2010.
- NOGUEIRA, Paulo Eduardo. Polemista profissional. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.
- Painel do Leitor, Folha de São Paulo, 17/11/1989.
- Painel do Leitor, Folha de São Paulo, 22/11/1989.
- PIZA, Daniel. Paulo Francis: Brasil na Cabeça. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2004.